

LT133



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

***AS VARIAÇÕES ALOMÓRFICAS DO PREFIXO DA
CLASSE 7 EM SHIMAKONDE***

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em *Linguística* da Universidade Eduardo Mondlane

Rosa da Conceição Remy João Mitelela

Maputo, 2004

LT.133

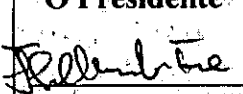
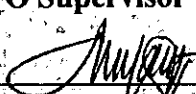
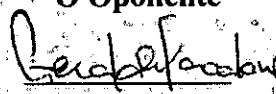
**AS VARIAÇÕES ALOMÓRFICAS DO PREFIXO DA CLASSE
7 EM SHIMAKONDE**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em *Linguística* da Universidade Eduardo Mondlane por *Rosa da Conceição Remy João Mitelela*

Departamento de Linguística e Literatura
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: *Prof. Doutor Armindo Ngunga*

Maputo, 2004

O Juri:			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	15/06/2004
			

U.E.M. - F.L.C.S.

R. E.	30172
DATA	15/06/04
AQUISIÇÃO	04/06/04
COTA	LT-133

DEDICATÓRIA

A memória de João Baptista F. Mitelela e de Alcina F. J. Mitelela, cujo desaparecimento físico teima em permanecer em mim.

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência para a obtenção de qualquer grau acadêmico, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicados no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a todos os meus professores do Curso de Linguística que me proporcionaram os instrumentos de entendimento e análise das questões que tratei neste estudo.

Ao Prof. Doutor Armindo Ngunga, por quem tenho muita admiração e apreço, meu professor de Fonética, Fonologia e Linguística Descritiva das Línguas Bantu, meu supervisor. Animou-me o suficiente para me compenetrar, de verdade, na realidade das línguas moçambicanas.

Ao Prof. Doutor Marcelino Liphola e família pelo grandioso apoio dado durante os meus estudos e especialmente durante a elaboração da tese.

Ao Minoz Hassam pela prontidão com que proporcionou condições favoráveis para a grande caminhada que se me abria à frente, de ser estudante e de percorrer uma longa marcha, vitoriosa.

À Dulcineia Coelho e família, à Sevene e família pelo apoio incondicional dado durante o curso.

Aos meus colegas do curso de Linguística com quem vivi desde o primeiro momento todas as inquietações e frustrações durante o curso.

A todos os que dedicaram o seu saber e paciência para me darem algumas luzes sobre a língua shimakonde.

À minha mãe, Valéria J. Mitelela pela progenitura e pela educação modesta, mas humilde, que me soube proporcionar, razão de tantos amigos que bem me querem, quantos os que comigo hoje calcorreiam os caminhos do mundo.

Aos meus amigos, Feby, Leonilde, Cinda, Paulo, Dito, João Carlos, Madiba, Iva, Custódia, Juvêncio, Domingos, Martinha, Ivo simplesmente pela amizade incondicional que me dão.

Ao Augusto Cavele pelo companheirismo e compressão, e pela sua lealdade e pelas lições da vida que a sua desinteressada dedicação a tudo que nos é comum, me tem dado.

Aos meus irmãos Mistério, Lucky, Lulú, pela sua permanente companhia e pelo alento necessário para que eu não desanimasse no grande projecto de estudo e elaboração deste trabalho.

RESUMO

Nas línguas Bantu, os nomes organizam-se em classes marcadas por prefixos que controlam a concordância frásica e sintagmática.

Os prefixos nominais dessas línguas são o reflexo dos prefixos nominais do Proto Bantu, a forma reconstituída de uma suposta língua ancestral da qual todas línguas Bantu parecem derivar.

Nalgumas línguas moçambicanas os prefixos são iguais aos do Proto Bantu, noutras línguas alguns prefixos desapareceram e outras línguas ainda em que os prefixos tem alomórfes, isto é, numa mesma classe, para além do prefixo herdado do Proto Bantu, a língua apresenta outros afixos para prefixar às suas bases nominais. É o caso da língua Shimakonde, onde o prefixo da classe 7 apresenta três alomorfes. Com este trabalho, pretende-se explicar a sequência da alomorfização do referido prefixo.

Para o efeito, o nosso trabalho vai estar organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo está a introdução, onde descrevemos a língua, apresentamos o problema e as hipóteses de investigação, indicamos o objectivo do trabalho e a motivação para a realização do mesmo. A metodologia de trabalho é apresentada no segundo capítulo. O terceiro capítulo é reservado ao quadro teórico e à revisão bibliográfica, tentamos esboçar os vários conceitos e definições seleccionados para uma melhor compressão do desafio a que nos propusemos fazer. No quarto capítulo, procedemos a análise dos dados seleccionados para a pesquisa. A finalizar o estudo, apresentamos as conclusões suscitadas pelas pesquisas feitas e as recomendações julgadas relevantes, sugerindo o procedimento a seguir na análise deste tipo de fenómeno, por outros interessados.

ÍNDICE

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.1. Introdução.....	1
1.2. A Língua Shimakonde.....	1
1.3. O Problema.....	2
1.4. Objectivo do Trabalho.....	3
1.5. As Hipóteses.....	3
1.6. Motivação.....	4
1.7. Organização do Trabalho.....	4

CAPÍTULO II: METODOLOGIA

2.1. A Constituição do Corpus.....	5
2.1.1. O método de entrevista.....	5
2.1.2. o método filológico.....	5

CAPÍTULO III: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1. Os nomes nas línguas naturais.....	8
3.2. Definição de Classe Nominal em Bantu.....	8
3.3. Características das Classes Nominais.....	10
3.4 Critérios de Distribuição dos Nomes pelas Classes Nominais.....	13
3.4.1. Critério Semântico.....	13
3.4.2. Critério Morfológico.....	16
3.4.3. Critério Morfo-Sintáctico.....	17
3.5. Definição de Morfema.....	18

3.5.1 Alomorfe.....	18
3.5.2 Prefixo.....	19
CAPITULO IV: AS VARIAÇÕES ALOMÓRFICAS DO PREFIXO CLASSE 7 EM SHIMAKONDE	
4.1. As Classes Nominais nas Línguas Bantu.....	20
4.2. As Classes Nominais na Língua Shimakonde.....	21
4.3. As Variações Alomórficas do Prefixo da Classe 7.....	26
CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	
5.1. Conclusões e Recomendações	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.1. Introdução

As línguas Bantu possuem um sistema de organização dos nome por grupos chamados classes nominais. As classes específicas são marcadas por prefixos distintos que desencadeiam a concordância frásica e concordância sintagmática.

Atendendo ao facto de em Moçambique ter sido aprovada introdução de ensino através das línguas moçambicanas, e considerando que estas são línguas maternas (L1)¹ da maioria dos alunos, julgamos ser pertinente fazer um estudo sobre o sistema de classes nominais de uma língua bantu. No caso vertente trata-se da língua Shimakonde onde queremos analisar as variações alomórficas do prefixo da classe 7.

1.2. A Língua Shimakonde

Shimakonde, P23 na classificação de Guthrie (1967-71), é uma língua moçambicana falada em 7 distritos de Cabo Delgado, nomeadamente: Macomia, Meluco, Mocímboa da Praia, Mueda, Muidumbe, Nangade e Palma. Estes distritos ocupam uma área de cerca de 40. 000 km² (Sitoe e Ngunga 2000) da região nordeste daquela província.

De acordo com Sitoe e Ngunga (2000), no território nacional, a língua Shimakonde tem 233.358 falantes, o que corresponde a cerca de 22% da população total da província de Cabo Delgado (Firmino 2000). Em Tanzania, país que faz fronteira com Moçambique ao norte, a língua Shimakonde é falada por cerca de 400. 000 pessoas (Yukawa 1989).

De acordo com Liphola (2001:3) “existem 4 dialectos do Shimakonde, sendo dois de Moçambique e dois da Tanzania”. Em Moçambique os dialectos são o Shímákonde e o

¹ A primeira língua que o falante aprende.

Shimakoõnde ou Cindoonde. Entre esses dialectos existem pequenas diferenças no léxico, fonética e tom, sobre tudo entre os falantes de Mueda e Macomia e as restantes zonas. De uma geral, existem diferenças a nível do léxico, fonética e tom² entre os dialectos falados em Moçambique e os falados em Tanzania.

1.3. O Problema

Vários estudiosos (Bleek 1862-69, whiteley 1966, Guthrie 1967-71, Odden 1996, Poletto 1998 e Ngunga 2000) realizaram estudos sobre o sistema de classes nominais nas línguas bantu.

As classes nominais não são, regra geral, as mesmas nas diferentes línguas. O seu número e, por vezes, a forma dos prefixos que as representam variam de língua para língua, embora os estudiosos (Bleek 1869, Guthrie 1967, Meussen 1967), entre outros tenham reconstituído entre 19 e 20 prefixos que compreendem igual número de classes nominais.

Sendo Shimakonde uma língua bantu, ela possui um sistema de classes nominais em número de 18. Todo o nome desta língua integra-se numa destas classes. Ao longo de algum tempo, temos observado o comportamento do prefixo da classe 7 desta língua, e verificamos que apresenta variações alomórficas notáveis. O presente trabalho, pretende fazer um estudo exaustivo ao prefixo da classe 7 de modo a apurar as motivações que estão por detrás do processo de alomorfização do referido prefixo.

² "In Mozambique, there are two dialects of makonde, namely Shimákonde and shimakoõnde, the later also know as Cindoonde spoken in west low land area along the Rovuma river basin. In Tanzania, there are reported two dialects of Makonde namely Chimahuta and Chimaraba Odden, 1990 . There are considerable lexical, phonetic and tonal differences between the variety of Shimákonde spoken in the northern Mozambique and the dialects a spoken in Tanzania. Within the Mozambican varieties There are small differences in the lexicon, phonetics and tone between the speakers of the low land areas and speakers of the plateaus of Mueda and Macomia areas." (Liphola 2001: 3)

1.4. Objectivo do Trabalho

Apesar existirem alguns estudos que mencionem a existência de classes nominais na língua Shimakonde, nomeadamente, Guerreiro (1963), Mpalume e Mandumbwe (1991) e Liphola (1991-2001), estes não mencionam a existência de alomorfes no prefixo nominal da classe 7, daí que o objectivo central do presente trabalho consista em identificar a razão da existência de variações alomorfas no prefixo da classe 7 da língua em estudo. Liphola (2001) faz referencia, mas não investiga, embora reconheça a sua existência

1.5. As Hipóteses

As línguas não são estáticas, elas sofrem mudanças devido a processos de elisão, assimilação, dissimilação, inversão, convergência, separação, caída em desuso de alguns elementos do léxico e entrada de outros por razões diversas, etc.

No Proto Bantu, o prefixo da classe 7 é *ki- Guthrie (1967-71), e em muitas línguas bantu tais como Yao, Nyanja, Sena, Nyungwe, Manyika, Tewe, etc, o prefixo da classe 7 é representado pelo morfema ci-;

Em Shimakonde, o morfema desta classe apresenta três alomorfes nomeadamente ci-, shi- e si-, facto que requer alguma explicação. Para tal nós temos duas hipóteses:

- (i) - O prefixo da classe 7 na língua Shimakonde passou do *ki- do Proto Bantu para ci- que esta a ceder lugar a shi- e si- que presentemente ocorre em algumas variantes; ou

- (ii) - Da forma *ki- do Proto Bantu, o prefixo da classe 7 passou para ci-, shi-, e si- na língua Shimakonde. A distribuição desses alomorfes carece de alguma explicação; o que vai ser o objecto do presente trabalho.

1.6. Motivação

A motivação para a realização deste trabalho surge, primeiro pelo facto de sermos estudantes do curso de linguística e nos interessarmos pela questão das línguas moçambicanas.

Em segundo lugar, é na nossa condição de sermos descendentes de pessoas que têm a língua Shimakonde como língua materna e de convivermos de perto com pessoas falantes da mesma que surge a necessidade interior de realizarmos um estudo sobre esta língua, e escolhemos as classes nominais por considerarmos ser um aspecto ainda não muito explorado.

1.7. Organização do Trabalho

A presente dissertação está organizada em 5 capítulos, a saber: O capítulo I faz a introdução; o capítulo II apresenta a metodologia, o capítulo III dedica-se a revisão da literatura; o capítulo IV discute as variações alomorfas do prefixo da classe 7; finalmente o capítulo V apresenta as conclusões e algumas recomendações.

CAPÍTULO II.: METODOLOGIA

2.1. A Constituição do Corpus

Na recolha de dados para a realização da presente dissertação recorreremos aos métodos filológico e de entrevista como forma de garantir a obtenção de dados credíveis para a pesquisa. Os dois métodos são a seguir descritos.

2.1.1. O Método Filológico

O método filológico consiste na recolha de material bibliográfico publicado sobre a língua em estudo.

Estamos cientes de que a recolha de dados através deste método é pouco frutífera, uma vez que a ortografia usada nas diversas fontes não é a recomendada pelos estudos mais recentes da ortografia das línguas moçambicanas. Daí que estes dados tenham sido sujeitos a determinados testes de modo a assegurarmos o uso da ortografia recomendada por NELIMO (1989) e Siteo e Ngunga (2000).

2.1.2. O Método de Entrevista

Os dados foram recolhidos através de gravação em fita magnética e posteriormente transcritos para a análise. Esses dados foram obtidos através do método de entrevista “que consiste na elaboração de uma lista de perguntas a serem feita de uma forma directa ao consultor linguística às quais este responde de acordo com o conhecimento que possui da língua”.(Ngunga 1998:1). As entrevistas foram realizadas em Português, sendo que aos consultores linguísticos foram solicitadas respostas na língua Shimakonde.

É de salientar que durante as entrevistas factores como idade, sexo e zona de onde o consultor linguístico é originário foram levados em alta consideração, como se pode ver no quadro que se segue:

Quadro 1: Caracterização dos Consultores linguísticos.

Numero de falantes	Origem	Idade	sexo	Residência
10	Muidumbe Mocimboa da Praia, Mueda	20-50	Masculino	Pemba Nampula
10	Muidumbe, Mueda, Nangade	20-50	Feminino	Pemba Nampula Maputo
20	Muidumbe, Nangade, Macomia Mueda	60- 80	Masculino Feminino	Pemba Nampula Maputo

O quadro acima representa a caracterização dos consultores linguísticos. Como podemos ver, as entrevistas foram realizadas em três províncias diferentes. Foram ouvidos 40 consultores linguísticos provenientes de quase todas as regiões do Planalto dos Makondes. Os informantes foram seleccionados de forma aleatória. Os 40 consultores linguísticos estavam divididos em grupos por sexo, idade, sendo 20 consultores linguísticos com idades compreendidas entre os 20 e 50 anos, 10 dos quais eram do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Os restantes 20 consultores linguísticos tinham idades compreendidas entre os 60 e 80 anos, sendo 10 do sexo masculino e 10 do sexo

feminino. Dentre os 40 informantes 10 falam fluentemente a língua portuguesa e a língua Shimakonde, 20 falam apenas a língua Shimakonde e os restantes 10 falam fluentemente a língua Shimakonde e tem algumas noções da língua Portuguesa:

Feita a caracterização dos consultores linguísticos, passemos ao capítulo seguinte que faz a revisão da literatura.

CAPÍTULO III: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1. Os Nomes nas Línguas Naturais

Segundo Cunha e Cintra (2000:177) o nome é “a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral”. O nome é, portanto, uma palavra para designar seres, coisas, estados, qualidades, etc.

Os nomes não são organizados de maneira uniforme nas diferentes línguas. Em algumas línguas, os nomes são organizados de acordo com a flexão em género e em número.

Segundo Cunha e Cintra (op.cit), quanto à flexão em número, os nomes podem estar no singular quando designam um ser único, e no plural quando designam mais de um ser. Quanto à flexão em género, os nomes podem pertencer ao género masculino quando se pode antepor o artigo *o*, e ao género feminino quando se pode antepor o artigo *a*. A língua portuguesa é um exemplo de uma língua que organiza os nomes de acordo com a flexão em número e em género. Nas línguas Bantu os nomes estão organizados em “classes nominais” que indicam tanto o número como o género. Na secção que se segue iremos definir o conceito de classe nominal.

3.2. Definição de Classes Nominais

O conceito de classe nominal vai constituir matéria de estudo ao longo de todo o trabalho. Por isso, a secção que se segue tem por objectivo discutir este conceito em bantu.

Para definirmos classe nominal, vamos ter como ponto de partida Guthrie (1967:36), para quem classe nominal é o “termo usado para se referir a cada um dos padrões de

concordância que ocorrem numa língua”³. Assim entendido, uma classe nominal é um conjunto de nomes que possuem o mesmo padrão de concordância.

Ngunga (2002: 5) define classe nominal como “o conjunto de nomes com o mesmo prefixo e ou o mesmo padrão de concordância”. Tal como na definição anterior, a última também introduz a ideia de padrões de concordância como sendo a característica principal para a identificação de uma classe nominal.

Câmara Júnior (1987) define classe nominal como sendo um conjunto de elementos linguísticos com uma propriedade essencial comum. Para este autor, pertencem a uma classe nominal nomes que partilham uma característica comum. Esta definição complementa as definições anteriores, se entendermos que os padrões de concordância operam sobre o conjunto de nomes (elementos linguísticos) que partilham a propriedade essencial comum.

Sitoe (2000) apresenta uma definição mais abrangente, ao definir classes nominais como um sistema em que os nomes organizados em grupos que apresentam pelo menos uma propriedade comum, cada uma com seus prefixos nominais e marcas de concordância.

Assim sendo, os seguintes nomes fazem parte da mesma classe nominal:

(1)	munu	‘pessoa’
	mwana	‘criança’
	mwali	‘rapariga’
	nume	‘homem’
	nemba	‘rapaz’

³“The term “class” is used to refer to each of patterns of agreement that occur in a give language, rather than to the characteristics of one type of word. It is then to those distinct patterns of agreement that numbers are assigned” (Guthrie 1967:35-36)

nkongwe	'mulher'
ndyoko	'criança'
nang'olo	'velho'

Como podemos ver, os nomes dos exemplos acima apresentam o mesmo prefixo (mu-, n-) e, portanto, pertencem à mesma classe nominal, no caso vertente a classe 1.

3.3 Características das Classes nominais em Bantu

Os nomes nas línguas bantu podem estar organizados em género e em número. Torrend (1891) considera que nas línguas bantu não encontramos géneros baseados nas diferenças sexuais, mas sim em outros géneros ou classes de substantivos.⁴ Leroy (1997) considera que os nomes apresentam-se em diferentes grupos ou géneros, sendo que um género consiste em duas classes que fazem a oposição singular/plural. Para Polleto (1998) as classes nominais são indicadas por um prefixo, e algumas classes estão associados a uma semântica particular. Os grupos de classes estão organizados em pares singular/plural.

Podemos entender, deste modo, que um género designa um conjunto de radicais nominais indentados, mas que se diferenciam com base na oposição singular/plural, onde o primeiro membro designa sempre o singular e o segundo o plural, como se pode observar nos exemplos que seguem:

⁴ "In the Bantu languages we find no genders based on sex, but instead other *gender* or *classes* of substantives, based principally (...) on the degree of unit and consistency of those things of which they are names, as determined by their natural position and shape, their motions, effects, relative strength, etc." (Torrend 1891)

(2)	munu	(cl.1)	'pessoa'	singular
	vanu	(cl.2)	'pessoas'	plural
	nume	(cl.1)	'homem'	singular
	valume	(cl.2)	'homens'	plural
	ngela	(cl.3)	'mangueira'	singular
	minguela	(cl.4)	'mangueiras'	plural
	nandi	(cl.3)	'pau'	singular
	milandi	(cl.4)	'paus'	plural

Os exemplos acima mostram dois géneros, sendo o primeiro o que comporta as classes que congregam nomes de pessoas e o segundo o que congrega nomes de plantas. O primeiro elemento de cada género indica o singular e o segundo elemento indica o plural.

Segundo Myachina (1981), a determinação lógica das classes pode ser feita com base no tamanho ou na quantidade, e é por esse motivo que existe a classe dos aumentativos/diminutivos, singular/plural e colectivos, e um grupo especial que determina uma relação mútua de dois objectos no espaço. Entendemos, portanto, que podem existir géneros de classes sem a distinção singular/plural. Observemos os exemplos que se seguem:

(3)	ushi	(cl.14)	'favos'	singular/plural
	ushungo	(cl.14)	'crueldade'	singular/plural
	udagwa	(cl.14)	'maldade'	singular/plural
	ugwali	(cl.14)	'massa de farinha de milho'	singular/plural

utondo	(cl.14)	'cogumelo' singular/plural
ulende	(cl.14)	'gergelim' singular/plural
ulanda	(cl.14)	'arte' singular/plural
ututuli	(cl.14)	'cérebro' singular/plural

Como podemos ver, os nomes dos exemplos acima pertencem a um género que não possui a distinção singular/plural.

As classes nominais, para além de estarem agrupadas em géneros, estão também organizadas em ordem numérica. Para classificar as diferentes séries nominais, Bleek (1862-69) atribuiu um número a cada uma das classes. Por sua vez, Guthrie (1967) considera que essa numeração não tem nada a ver com o sentido, mas sim com o tipo de concordância. Observemos alguns exemplos de classes nominais numeradas:

(4)	Classe	Prefixo	Nome	Significado
	1	mu-, m-, n-	munu	'pessoa'
	2	va-	vanu	'pessoas'
	3	mu-, m-, n-	nandi	'pau'
	4	mi-	milandi	'paus'
	5	li-	lishinga	'montanha'
	6	ma-	mashinga	'montanhas'
	9	i-	imbudi	'cabrito'
	10	di-	dimbudi	'cabritos'

Os exemplos acima demonstram algumas classes nominais da língua Shimakonde. Os números atribuídos a cada uma das classes têm como função identificá-las.

3.4. Critérios de Distribuição dos Nomes pelas Classes Nominais

Os nomes são organizados nas diversas classes seguindo alguns critérios. Este assunto já foi alvo de alguns estudos por parte de alguns investigadores (Furtune 1959-67, Ngunga 1987-2002).

Segundo Ngunga (1987), os nomes são integrados nas classes nominais de acordo com três critérios fundamentais:

- critério semântico
- critério morfológico
- critério morfo-sintático

3.4.1. Critério Semântico

A semântica é uma das responsáveis pela distribuição dos nomes pelas classes nominais. Segundo este critério pertencem à mesma classe nominal todos os nomes que tenham traços semânticos idênticos, o que significa que cada classe integra nomes com traços semânticos semelhantes. Assim sendo, podemos encontrar classes dos nomes que indicam seres humanos, plantas, animais, coisas, objectos abstractos, etc. Observemos os exemplos que se seguem:

(5) a. Classes de Nomes Referentes a Seres Humanos

Singular	Significado	Plural	Significado
-----------------	--------------------	---------------	--------------------

munu	'pessoa'	vanu	'pessoas'
mwana	'criança'	vana	'crianças'
mwali	'rapariga'	vali	'raparigas'
nume	'homem'	valume	'homens'
nemba	'rapaz'	vanemba	'rapazes'
ndyoko	'criança'	vadyoko	'crianças'
nan'golo	'velho'	vanan'golo	'velhos'
nkongwe	'mulher'	vakongwe	'mulheres'

b. Classes de Nomes Referentes a Plantas

Singular	Significado	Plural	Significado
ntela	'árvore/remédio'	mitela	'árvores/remédios'
ngela	'mangueira'	minguela	'mangueiras'
nandi	'pau'	milandi	'paus'
mwedi	'lua/mês'	myedi	'luas/meses'
muku	'bolsa'	myukus	'bolsas'
mpini	'cabo'	mipini	'cabos'

Nos exemplos acima apresentamos alguns nomes que têm os mesmos traços semânticos. Daí pertencerem à mesma classe nominal. O critério semântico não é tão abrangente, uma vez que admite numa mesma classe nomes que não possuem traços semânticos idênticos, como podemos verificar nos exemplos que se seguem:

(6) **a. Classes de Nomes Referentes a Plantas**

Singular	Significado	Plural	Significado
ntela	'árvore/remédio	mitela	'árvores/remédios
ngela	'mangueira'	minguela	'mangueiras'
nandi	'pau'	milandi	'paus'
mwedi	'lua/mês'	myedi	'luas/meses'
muku	'bolsa'	myukus	'bolsas'
mpini	'cabo'	mipini	'cabos'
muti	'cabeça'	myuku	'cabeças'
nkono	'braço'	mikono	'braços'

b. Classes de Nomes Referentes a Animais e Frutas

Singular	Significado	Plural	Significado
lijaja	'cesto de palha'	majaja	'cestos de palha'
lyumi	'sapo'	mauni	'sapos'
libata	'pato'	mabata	'patos'
lijanga	'pedra'	majanga	'pedras'
liatu	'orelha'	matu	'orelhas'
lishinga	'montanha'	mashinga	'montanhas'
lidodo	'perna'	madodo	'pernas'
lyunde	'nuvem'	maunde	'nuvens'

Nos exemplos acima observamos casos de classes que semanticamente deviam ter somente nomes de plantas, animais e frutas, mas que congregam outros nomes que não têm o mesmo traço semântico. Segundo Ngunga (2002:9) "são praticamente inexistentes

as classes em que se encontrem nomes que são exclusivamente da mesma categoria semântica.

Como podemos ver, no grupo dos nomes referentes a plantas encontramos também nomes referentes a outros elementos do meio ambiente e que não são plantas. No grupo de nomes referentes a animais e frutas, para além de nomes referentes a animais e frutas, encontramos nomes referentes a coisas, parte do corpo humano e elementos do meio ambiente.

Alguns investigadores (Guthrie 1967) explicam este facto com base em factores fonéticos. No entanto, Ngunga (op.cit) considera que se trata de casos em que houve queda do prefixo de classe e que são recuperados com base na marca de concordância. Daí que os nomes continuem a pertencer à mesma classe.

3.4.2. Critério Morfológico

Outro critério que determina a distribuição dos nomes pelas classes nominais é o critério morfológico. E segundo este critério, os nomes são organizados em grupos de acordo com o morfema que constitui o prefixo nominal, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

(7)	Classe	Prefixo	Nome	Significado
	1	mu-, m-, n-	munu	'pessoa'
			mwali	'rapariga'
			nume	'homem'
	2	va-	vanu	'pessoas'
			vali	'raparigas'

		valume	'homens'
3	mu-, m-, n-	muku	'bolsa'
		mpini	'cabo'
		ntela	'árvore/remédio'
4	mi-	myuku	'bolsas'
		mipini	'cabos'
		mitela	'árvores/remédios'

Nos exemplos acima temos quatro classes e os seus respectivos prefixos. Se observarmos com atenção podemos verificar que os nomes da classe 1 "munu, mwali, nume" (pessoa, rapariga, homem, respectivamente) e os nomes da classe 3 "muku, mpini e ntela" (bolsa, cabo, árvore/remédio, respectivamente) possuem o mesmo prefixo, mas pertencem a classes diferentes, como se pode ver através da formação do plural dos mesmos nomes.

Apesar de terem prefixos idênticos, estes nomes pertencem a classes diferentes porque não partilham os mesmos traços semânticos. E o critério morfológico só organiza no mesmo grupo nomes que tenham o mesmo prefixo nominal e que pertençam à mesma categoria semântica.

3.4.3. Critério Morfo-Sintático

De acordo com este critério os nomes da mesma classe apresentam o mesmo padrão de concordância. Este critério tem a particularidade de envolver unidades maiores que as palavras. Observemos os exemplos que se seguem:

(8)	vanu vankulila	(cl.2) 'as pessoas estão chorar'
	vadyoko vandipikita mumedi	(cl.2) 'as crianças brincaram na
	água'	
	nemba nkumene	(cl.1) 'rapaz grande'
	munu nkumene	(cl.1) 'pessoa grande'
	vakongwe vandipanga mwanugwa	(cl.2) 'mulheres semearam batata'
	lyumi lindilijela mumedi	(cl. 5) 'o sapo meteu-se na água'
	shilonda shindipona	(cl.7) 'a ferida curou-se'
valume vankomba	(cl.2) 'os homens estão a disparar'	

Nos exemplos acima podemos ver alguns nomes das classes 1, 2, 5 e 7 a controlarem a concordância adjectival e verbal dentro da frase e do sintagma.

3. 5. Definição de Morfema

O conceito de morfema é um termo imprescindível para o nosso estudo, daí que esta secção se vá debruçar ao estudo do mesmo.

Segundo Katamba (1993:24) o morfema "é a unidade pequena e indivisível com função gramatical ou conteúdo semântico com a qual as palavras são formadas". Sobre este assunto, Fromkin e Rodman (1993:124) consideram que o termo morfema designa "um signo linguístico mínimo ou uma unidade gramatical em que se verifica uma união arbitrária de um som com um significado não podendo essa unidade ser analisada em segmentos menores". Por outro lado, Azuaga (1996:223-224) define o morfema como "uma combinação de sequências fonológicas por um lado, e por outro como uma unidade de sentido, ou seja uma forma linguística que não apresenta semelhanças

fonético-semânticas com qualquer outra forma". Visto desta maneira, podemos concluir que o morfema é a unidade mínima que tem uma forma física e um sentido ou função no sistema gramatical, ou simplesmente, é a unidade mínima de significado.

3.5.1. Alomorfe

Segundo Fromkin e Rodman (1993:139) alomorfes são "as diversas formas fonéticas que um fonema pode apresentar". Katamba (1993:26) chama alomorfe de um morfema ao conjunto de morfes agrupados e que representam o referido morfema A concordar com as definições anteriores surge Azuaga (1996:226) que considera que alomorfes "são o conjunto de morfes que representam o mesmo morfema e que se encontram agrupados e intitulados". Sendo assim podemos considerar que os alomorfes são o conjunto de formas gramaticais que representam um único morfema.

3.5.2. Prefixo

Prefixos são, segundo Fromkin e Rodman (1993:124) "morfemas presos que só podem ocorrer ligados a outros morfemas pois, não possuindo significados por si, só ganham significado quando estão associados aos morfemas das palavras em que ocorrem". Para Azuaga (1996:234) prefixos são morfemas presos que "ocorrem na periferia esquerda da forma de base".

Podemos considerar portanto que os prefixos são morfemas que não possuem significados por si e que ocorrem à esquerda da raiz, base ou tema.

CAPÍTULO IV: AS VARIAÇÕES ALOMÓRFICAS DO PREFIXO CLASSE 7 SHIMAKONDE

4.1. As Classes Nominais nas Línguas Bantu

De acordo com Ngunga (2000), foi Bleek (1862-1869) quem notou pela primeira vez que os nomes nas línguas bantu se organizavam de forma sistemática em grupos de acordo com os seus prefixos, e constituiu uma lista de 16 classes nominais. Ainda de acordo com o mesmo autor, Meinhof (1899) acrescentou 3 prefixos à lista anterior e mais tarde em (1906), este acrescentou mais dois prefixos, passando a lista a apresentar um total de 21 prefixos correspondentes a 21 classes nominais. Warner (1915), acrescentou mais 2 classes à lista de Bleek e Meinhof, estabelecendo a lista em 23 classes nominais. Por sua vez, Guthrie (1967), introduziu novas alterações a lista, resultando numa lista com 19 classes nominais. Observemos a seguir a tabela que segue com as classes nominais.

(9) Quadro 2: Classes Nominais das Línguas Bantu

Classe	Prefixo	Descrição
1	mu-	seres humanos, principalmente
2	ba-	
3	mu-	plantas, predominantemente
4	mi-	
5	li-, i-	animais e frutas, sobretudo
6	ma-	

7	ki-	coisas, basicamente
8	bi-	
9	N-	alguns seres do reino animal e outros
10	N-	
11	lu-	coisas longas, principalmente
10	N-	
12	tu-	diminutivos
13	ka-	
14	bu-	coisas abstractas
15	ku-	infinitivo verbal, nomes verbais
16	pa-	locativo situacional
17	ku-	locativo direccional
18	mu-	locativo de interioridade
19	pi	

Como podemos ver, a lista acima, apresenta a lista “definitiva” apresentada por Ngunga (2004) que possui 19 classes nominais.

4.2. As Classes Nominais em Shimakonde

Como vimos anteriormente, das 23 classes possíveis do Proto bantu, a língua Shimakonde apresenta apenas 18 classes nominais e a sua distribuição não é a mesma de autor para autor.

Alguns autores não estão de acordo em relação à distribuição das classes em géneros. Senão vejamos. Segundo Guerreiro (1963) os nomes em Shimakonde agrupam-se em 10 classes de acordo com os prefixos de singular e plural que os caracterizam. Para este autor, cada género corresponde a uma única classe, sendo um membro da classe do singular e outro do plural, como se segue:

(10)	Classe	Prefixo	
		Singular	Plural
	1	mu-, mw-, n-, a-	va-
	2	mu-, mw-, m-, n-	mi-, my-
	3	li-, ly-	mi-, my-
	4	chi-	vi-, vy-
	5	i-	di-
	6	lu-, lw-	di-, dy-
	7	u-,	ma-, mi-
	8	ka-	tu-, tw-
	9	ku-, kw-	
	10	mu-, pa-, ku-	

No exemplo acima podemos ver as classes nominais da língua Shimakonde organizadas por Guerreiro (1963).

Para Mpalume e Mandumbwe (1991), na língua Shimakonde os nomes agrupam-se 19 classes de acordo com os prefixos do singular e plural que os caracterizam, assim apresentados:

(11)	Classe	Prefixo
	1	mu-, mw- n-, a
	2	va-
	3	mu-, mw-, m-, n-
	4	mi-, my-
	5	li-, ly-
	6	ma-
	7	sh-
	8	vi-, vy-
	9	i-
	10	di-
	11	lu-, lw-
	10	di-
	13	ka-
	12	tu-, tw-
	14	u-
	6	ma-
	15	ku-, kw-
	16	pa-
	17	ku-
	18	mu-
	21	li-
	22	

Esta é a lista apresentada por Mpalume e Mandumbwe (1991), e das 19 classes nominais apresentadas, nota-se a ausência na numeração das classes 19 e 20.

Por sua vez, para Liphola (2001) os nomes na língua Shimakonde estão organizados em 18 classes nominais tendo em conta os prefixos de singular e do plural que os caracterizam. Observemos a seguir os prefixos que representam cada classe e os respectivos exemplos ilustrativos.

(12)	Classe	Prefixo	Exemplo	Descrição
	1	mu-, m-, n-	mu-nu	'pessoa'
	2	va-	va-nu	'pessoas'
	3	mu-, m-, n-	mu-ti	'cabeça'
	4	mi-	mi-ti	'cabeças'
	5	li-	li-dodo	'perna'
	6	ma-	ma-dodo	'pernas'
	7	shi	shi-pula	'faca'
	8	vi-	vi-pula	'facas'
	9	(i-) N	i-mbudi	'cabrito'
	10	di-, dy-	di-mbudi	'cabritos'
	11	lu-	lu-ngau	'armadilha'
	10	di-	di-ngau	'armadilhas'
	12	ka-	ka-pula	'faquinha'
	13	tu-	tu-pula	'faquinhas'
	14	u-	u-koti	'pescoço'
	6	ma-	ma-koti	'pescoços'

15	ku-, kw-	ku-lya	'comer'
16	pa-	pa-mweda	'em Mueda'
17	ku-	ku-mweda	'à Mueda'
18	mu-	mu-mweda	'dentro de Mueda'

O exemplo acima apresenta as classes nominais do Shimakonde.

A classe 14 em Shimakonde apresenta um comportamento particular, como veremos a seguir.

Segundo Liphola (2001) nesta língua, a classe 14 tem três subgrupos semânticos a saber:

- Um subgrupo que integra nomes de coisas contáveis tais como partes do corpo humano, que têm obrigatoriamente o seu correspondente no plural que selecciona o prefixo da classe 6;

(13)	ukóti	'pescoço'	singular
	makóti	'pescoços'	plural
	ugwimbo	'cabelo'	singular
	magwimbo	'cabelos'	plural

- Um subgrupo que integra nomes de animais, que para seu correspondente do plural selecciona o prefixo das classes 2;

(14)	undi	'águia'	singular
	vaúndi	'águias'	plural

- Um subgrupo que integra nomes que indicam coisas abstractas que não possuem correspondente no plural

(15)	ushi	'favos'
	udagwa	'maldade'
	ushungu	'crueldade'
	ulende	'gergelim'

Depois desta breve revisão passaremos ao cerne do nosso estudo, e para tal servir-nos-emos da proposta apresentada por Liphola (2001).

4.3. As Variações Alomórficas do Prefixo da Classe 7

Esta secção é dedicada à discussão dos resultados da análise feita sobre os dados recolhidos.

Como vimos acima, o prefixo da classe 7 nas línguas bantu marca o singular dos nomes, cujo plural é realizado por vi- prefixo da classe 8, que se liga ao tema nominal, como podemos ver nos exemplos seguintes:

(16)	shi- boko	'hipopótamo'	vi-boko	'hipopótamos'
	shi-tale	'ferro'	vi-tale	'ferros'
	sh-uni	'pássaro'	vi-uni	'pássaros'
	shi-londa	'ferida'	vi-londa	'feridas'
	shi-tundu	'capoeira'	vi-tundu	'capoeiras'

shi-longo	'panela de barro'	vi-longo	'panelas de barro'
shi-tade	'alpendre'	vi-tade	'alpendres'
shi-lolo	'espelho'	vi-lolo	'espelhos'

Temos no exemplo acima, alguns casos de ocorrência de nomes da classe 7, bem como das suas formas no plural.

Na língua shimakonde o alongamento na penúltima sílaba da palavra é predizível, daí que na nossa dissertação não estejamos marcar.

No que se refere à alternância ou a ocorrência de alomorfes no prefixo da classe 7, temos que admitir que se trata de uma discussão que pensamos vir de longe, uma vez que para além dos nossos consultores linguísticos, verificamos que mesmo no material bibliográfico que nos serviu de base para a realização da nossa pesquisa, a apresentação fonética e ortográfica do prefixo desta classe não é uniforme.

Verificamos que alguns falantes, homens e mulheres idosos com mais ou menos 60 anos usam para prefixar temas nominais da classe 7 o alomorfe *ci-*, observemos os exemplos que se seguem:

(17)	ci-tundu	'capoeira'	vi-tundu	'capoeiras'
	ci-latu	'sapato'	vi-latu	'sapatos'
	ci-nha	'escorpião'	vi-nha	'escorpiões'
	ci-lolo	'espelho'	vi-lolo	'espelhos'
	ci-tale	'ferro'	vi-tale	'ferros'
	ci-pula	'faca'	vi-pula	'facas'

ci-ma	'osso'	vi-ma	'ossos'
ci-no	'coisa'	vi-no	'coisas'

Nos exemplos acima, podemos verificar alguns temas nominais que ocorrerem com o alomorfe *ci-* do prefixo da classe 7.

Por outro lado, estes mesmos temas quando ditos sobretudo por informantes do sexo masculino oriundos de quase todas as regiões do Planalto dos makondes e muitas vezes com grau de escolaridade um pouco elevado, resultam em situações diferentes, senão vejamos:

(18)	shi-tundu	'capoeira'	vi-tundu	'capoeiras'
	shi-latu	'sapato'	vi-latu	'sapatos'
	shi-nha	'escorpião'	vi-nha	'escorpiões'
	shi-lolo	'espelho'	vi-lolo	'espelhos'
	shi-tale	'ferro'	vi-tale	'ferros'
	shi-pula	'faca'	vi-pula	'facas'
	shi-ma	'osso'	vi-ma	'ossos'
	shi-no	'coisa'	vi-no	'coisas'

Como podemos constatar nos exemplos acima, os temas nominais aos quais anteriormente estavam prefixados pelo alomorfe *ci-* encontram-se desta feita prefixados pelo alomorfe *shi-* que no Shimakonde também representa o prefixo da classe 7.

Este alomorfe para além de ser usado principalmente por homens, é considerado alomorfe da variante de referência, daí que quase todos os utentes desta língua procurem usá-lo, mesmo aqueles que não falam a variante de referência.

Quando pedimos a falantes do sexo feminino para produzirem as mesmas palavras, verificamos que, de uma forma geral estas usam outro alomorfe, diferente do usado pelos homens e pelos idosos. Observemos os exemplos que se seguem:

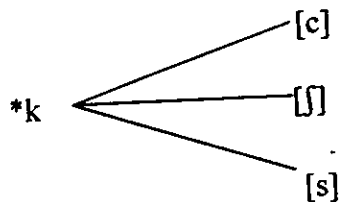
(19)	si-tundu	'capoeira'	vi-tundu	'capoeiras'
	si-latu	'sapato'	vi-latu	'sapatos'
	si-nha	'escorpião'	vi-nha	'escorpiões'
	si-lolo	'espelho'	vi-lolo	'espelhos'
	si-tale	'ferro'	vi-tale	'ferros'
	si-pula	'faca'	vi-pula	'facas'
	si-ma	'osso'	vi-ma	'ossos'
	si-no	'coisa'	vi-no	'coisas'

Nos exemplos acima os temas nominais anteriormente apresentados encontram-se prefixados pelo afixo *si-* que também representa a classe 7.

Uma vez que o estudo tem como objectivo identificar a forma herdada do Proto Bantu, encontramos-nos perante duas situações possíveis:

A primeira, em que o prefixo do proto bantu /k/ é um segmento oclusivo velar que passou simultaneamente para [c] que é oclusivo palatal, para [ʃ], um segmento fricativo pós-alveolar e para [s] fricativo alveolar, o que se pode ilustrar da seguinte maneira:

(20)



Nesta situação, dir-se-ia que os alomorfes do prefixo da classe 7 em Shimakonde derivam todos do Proto Bantu.

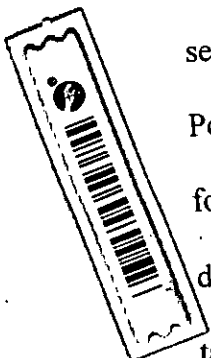
Uma análise alternativa, entre outras, seria a de que o prefixo do Proto Bantu que é segmento oclusivo velar /k/ entrou para a língua Shimakonde na forma de segmento oclusivo palatal /c/ e mais tarde esta forma evoluiu para segmento fricativo pós-alveolar /ʃ/ que actualmente está ceder lugar a um segmento fricativo alveolar /s/. Este processo pode-se ilustrar como se segue:

(21) *ki- → ci- → shi → si

O exemplo acima demonstra a alomorfização do prefixo da classe 7, em que /c/ é o fone e os restantes [c], [ʃ] e [s] são os alomorfes.

A posição que demonstra *ci-*, *shi-*, *si-* como alomorfes do mesmo fone, que neste caso é o prefixo do Proto Bantu parece ser consideravelmente a menos provável, uma vez que quase todas as restantes classes nominais apresentam apenas um prefixo que deriva do Proto Bantu, esta distribuição é muito distante da que aconteceu com as outras línguas moçambicanas, e um processo fonológico um pouco plausível, pois é mais difícil explicar a transformação do segmento velar em segmentos palatal, pós-alveolar e alveolar em simultâneo. Por outro lado, consideramos que a segunda opção é a mais plausível por duas razões: Primeiro porque o facto de o prefixo ter passado de *ki- do

Proto Bantu para *ci-* em Shimakonde vai de encontro com o que aconteceu com outras línguas Moçambicanas, tais como Yao, Nyanja, Nyungwe, Manyika, Tewe, etc. Segundo, em termos fonológicos esta é a posição mais natural uma vez que a mudança se processa do segmento mais recuado para o segmento anterior, na cavidade bucal, o que quer dizer que a mudança inicia com a passagem do ar no segmento velar para o segmento palatal, daí para o pós-palatal e finalmente para o segmento alveolar.



Portanto, pensamos que o prefixo herdado do Proto Bantu pela língua Shimakonde seja a forma *ci-* e que actualmente esteja a cair em desuso; a forma *shi-* representa a variante de referência, daí que seja consideravelmente a mais usada e por vezes até de forma um tanto forçada. A forma *si-* considerada "feminina" é, em termos de mudanças fonológicas a mais "evoluída" e pode-se aventar a hipótese de que esta venha a ser a forma de realização deste morfema no futuro, pois já há falantes de algumas regiões (Mocímboa da Praia) do sexo masculino que o usam. Na secção que se segue apresentaremos as conclusões a que chegamos e algumas considerações acerca do nosso estudo.

CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1. Conclusões

O nosso trabalho teve como objectivo apresentar uma explicação sobre como se processou e/ou como se está a processar a alomorfação do prefixo da classe 7 na língua Shimakonde.

Depois de feita a análise, verificamos que, Shimakonde herdou do Proto Bantu o prefixo *ci*, e este por sua vez cedeu lugar ao alomorfe *shi-* que está a dar lugar ao alomorfe *si-*. Esta constatação vem validar a nossa segunda hipótese que previa tal facto.

Por outro lado, a análise permitiu-nos constatar que essas mudanças a que o prefixo da classe 7 está sujeito são o resultado de processos fonéticos e fonológicos.

Este exercício foi bastante interessante, pois permitiu-nos penetrar no "mundo" dos Makondes e conhecermos por dentro a sua história, cultura e a sua língua.

Recomendações

A análise por nós efectuada, mostrou-nos a importância da fonética e fonologia na compreensão dos processos morfológicos que ocorrem nas línguas Bantu. Deste modo, recomendamos que futuras abordagens sobre o tema ora em discussão tenham sempre em conta os processos fonéticos e fonológicos que influenciam os dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azuaga, L. Morfologia. Faria, I. Et al (1996) *Introdução à Linguística geral e Portuguesa*. [215-244] Editorial Caminho, SA. Lisboa.
- Bleek, W. H. I. 1862-1869. *Comparative Grammar of South African Languages*.
- Câmara Jr, J. M. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Editora Vozes Limitada. Petrópolis. Rio de Janeiro.
- Cunha, C. & L. Cintra. 2000. *Gramática do Português Contemporâneo*. Edições Sá da Silva, Lisboa.
- Firmino, G. 2000. *Situação Linguística de Moçambique*. Instituto Nacional de Estatística. Maputo.
- Fromkin, V. & R. Rodman. *Introdução à Linguagem*. Livraria Almedina. Coimbra.
- Guthrie, M. 1967-1971. *Comparative Bantu*. SOAS University. London.
- Guerreiro, M. V. 1963. *Rudimentos de Língua Makonde*. Tipografia Académica. Loureço Marques.
- Katamba, F. 1993. *Morphology*. St Martin's Press. New York
- Leroy, J. 1997. *Morphologie et Classes Nominales en Mankon (Cameroun)*. SELAF. Paris.
- Liphola, M. M. 1991. Tom, Entoação, e Acento de Intensidade na Língua Si-Makonde. Bases para um Estudo Morfológico. Tese de Mestrado. São Paulo.
- Liphola, M. M. 2001. *Aspects of Phonology of Shimakonde*. Tese de Doutoramento. Ohio State University. USA.

Meinhof, C. 1899. Method of Studying the Phonology of any Bantu Language.

Introduction to the Phonology of the Bantu Language, Cap III. [48-57] Dietrich

Reiner. Berlin.

Meeussen, A. 1967. Bantu Grammatical Reconstructions. *Africana Linguística*.

Vol III. Tervuren. MRAC.

Mpalume, E. J. & M. A. Mandumbwe. 1991. *Nashilangola wa Shitangodi*

Shimakonde. Guia da Língua Makonde. Núcleo da Associação dos Escritores

Moçambicanos de Cabo Delgado.

Myachina, E. N. 1981. The Swahili Language. *A Descriptive Grammar*. Routledge &

Kegan Paul. London, Boston and Henley.

NELIMO. 1989. *Relatório do I Seminário de Padronização das Línguas Moçambicanas*.

Nelimo. Faculdade de Letras. UEM. Maputo.

Ngunga, A. S. A. 1987. A Comparative Study of shona and Yao Noun Classes.

Dissertação. de BA não publicada. Department of african Languages and

Literature of the University of Zimbabwe.

Ngunga, A. S. A. 1988. A comparatives Study of Same Aspectsof a Transivity of Shona

and Yao. (Tese de Mestrado não publicada).

Ngunga, A. S. A. 1998. *Estrutura do Texto Científico*. (Ms). Universidade Eduardo

Mondlane. Maputo.

Ngunga, A. S. A. 2000. *Phonology and Morphology of the Ciyao Verb*. CSLI.

Publication Stanford Junior University. California.

Ngunga, A. S. A. 2002. *Apontamentos de Linguística Descritiva das Línguas Bantu*.

Faculdade de Letras. Departamento de Linguística e Literatura. UEM. Maputo.

- Ngunga, A. S. A. 2004. *Introdução à Linguística Bantu*. In Press. Livraria Universitária Maputo.
- Odden, D. 1990. *Tone in the Mokonde Dialects: Chimaraba*. Ohio State University. USA.
- Polleto, M. A. R. E. 1998. *Topics In Runyankore*. The Ohio State University. USA.
- Sitoe, B. 2000. *Motivação Semântica e sociocultural na Organização das Classes Nominais- Sua Influência sobre Sintaxe: O Caso de Changana*. (Ms). Comunicação apresentada no Seminário de Investigação em ciências Sociais realizado em 29-30 de Outubro de 2001. UEM. Maputo.
- Sitoe, B. & Ngunga. A. 2000. *Relatório do II Seminario Sobre a Padronizacao da Ortografia de Linguas Mocambicanas*. NELIMO. UEM. Maputo.
- Torrend, S. J. J. 1891. *A Comparative Grammar of South Africa Bantu Languages*. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co, Ltd. London.
- Werner, A. 1915. *Introductory Sketch of Bantu Languages*. Great Britain
- Whiteley, W. 1966. *A Study of Yao Senteces*. Clarendon Press. Oxford.

CORPUS

Classe 1	Nome	Significado
1	munu	'pessoa'
2	nume	'homem'
3	n'gambe	'tartaruga'
4	ntumi	'leão'
5	nkongue	'mulher
6	mwali	'rapariga'
7	nemba	'rapaz'
8	ndioko	'criança'
9	nguena	'crocodilo'
10	mwana	'filho'
11	numbuo	'irmão'
12	nkoko	'animal'
13	maka	'gato'
Classe 2		
14	vanu	'pessoas'
15	valume	'homens'
16	van'gambe	'tartarugas'
17	vantumi	'leões'
18	vakongue	'mulheres
19	vali	'raparigas'
20	vanemba	'rapazes'

21	vadioko	'crianças'
22	vanguena	'crocodilos'
23	vana	'filhos'
24	vanumbuo	'irmãos'
25	vakoko	'animais'
26	vamaka	'gatos'
Classe 3		
27	muti	'cabeça'
28	muongo	'costas
29	ntima	'coração'
30	nandi	'pau'
31	nshila	'cauda'
32	ntela	'árvore/remédio'
34	mwedi	'mês/lua'
35	ngela	'mangueira'
36	muku	'bolsa'
37	mpini	'cabo'
38	nkono	'braço'
Classe 4		
39	miti	'cabeças'
40	miongo	'costas'
41	mitima	'corações'
42	milandi	'paus'
43	mishila	'caudas'

44	mitela	'árvores/remédios'
45	myedi	'luas/messes'
46	myukus	'bolsas'
47	mipini	'cabos'
Classe 5		
48	lishinga	'montanha'
49	lino	'dente'
50	liatu	'orelha'
51	litaku	'nádega'
52	livele	'seio'
53	lijanga	'pedra'
54	liguangua	'osso'
55	lianda	'mão'
56	lyamba	'folha'
57	lidodo	'perna'
58	lilunde	'joelho'
59	litogua	'fígado'
60	lipau	'pulmão'
61	litanda	'lago'
62	libata	'pato'
63	lipuluputu	'borboleta'
64	li	'ovo'
65	likandi	'esteira'
66	lidilisha	'janela'

67	lyunde	'nuvem'
68	liduva	'dia/sol'
69	lijaja	'cesto de palhã'
70	lyumi	'sapo' ☆
Classe 6		
71	mashinga	'montanhas'
72	menu	'dente'
73	matu	'orelhas'
74	mataku	'nádegas'
75	mavele	'seios'
76	majanga	'pedras'
77	maguangua	'ossos'
78	manda	'mãos'
79	mamba	'folhas'
80	madodo	'pernas'
81	malunde	'joelhos'
82	matogua	'figados'
83	mapau	'pulmões'
84	matanda	'lagos'
85	mabata	'patos'
86	mai	'ovos'
87	mapuluputu	'borboletas'
88	makandi	'esteiras'
89	madilisha	'janelas'

90	maunde	'nuvens'
91	maduva	'dias'
92	majaja	'cestos de palha'
93	maumi	'sapos'
Classe 7		
94	shuva	'peito'
95	shitumbu	'barriga'
96	shala	'dedo'
97	shidya	'coxa'
98	shilongo	'panela de barro'
99	shani	'prato'
100	samaki	'peixe'
101	shuvi	'leopardo'
102	shiboko	'hipopótamo'
103	shuni	'pássaro'
104	shepo	'fruto'
105	shipula	'faca'
106	shitali	'ferro'
107	shilonda	'ferida'
108	shingumi	'saúde'
109	shinu	'coisa'
110	shipulila	'panela'
111	shinha	'escorpião'
112	shivalavala	'sentopeia'

113.	shilo	'noite'
114	shilatu	'sapato'
115	shima	'osso'
116	shuma	'missanga'
117	shidudu	'matapa'
118	shilambu	'terra'
119	shitade	'alpendre'
120	shileu	'barba'
121	shipilipili	'piripiri'
122	shuvi	'leopardo'
123	shungula	'coelho'
124	shitundu	'capoeira'
Classe 8		
125	viuva	'peitos'
126	vitumbu	'barrigas'
127	viala	'dedos'
128	vidya	'coxas'
129	vilongo	'panelas de barro'
130	viani	'pratos'
131	vyamaki	'peixes'
132	viuvi	'leopardos'
133	viboko	'hipopótamos'
134	viuni	'pássaros'
135	viepo	'frutos'

136	vipula	'facas'
137	vitali	'ferros'
138	vilonda	'feridas'
139	vinu	'coisas'
140	vipulila	'panelas'
141	vinha	'escorpiões'
142	vivalavala	'centopeias'
143	vilatu	'sapatos'
144	vima	'ossos'
145	viuma	'missangas'
146	vilambu	'terras'
147	vitade	'alpendres'
148	vileu	'barbas'
149	vipilipili	'piripiris'
150	viuvi	'leopardos'
151	viungula	'coelhos'
152	vitundu	'capoeiras'
Classe 9		
153	iuti	'armas'
154	in'gondo	'guerra'
155	igoli	'cama'
156	inguvo	'capulana'
157	ikiti	'cadeira'
158	imbula	'chuva'

159	imepo	'frio'
160	in'guva	'trovoada'
161	inondo	'estrela'
162	isumana	'semana'
163	imo	'borbulha'
164	irangui	'cor'
165	imbudi'	'cabritos'
166	in'gonpe	'face'
167	njejema	'mosquito'
168	imula	'nariz'
169	ikanua	'boca'
170	nanyusi	'abelha'
171	inungu	'umbigo'
172	induva	'flor'
173	iguidyo	'rim'
174	inundu	'mato'
175	imbogua	'caril'
176	inyama	'carne'
177	indala	'fome'
178	namembe	'mosca'
179	inyota	'sede'
180	igalava	'barco'
181	nguluve	'porco'
182	nyoca	'cobra'

183	n'guku	'galinha'
184	n'gavanga	'cão'
185	nembo	'elefante'
186	n'gonbe	'boi'
Classe 10		
187	diuti	'armas'
188	din'gondo	'guerras'
190	din'gande	'casas'
191	digoli	'camas'
192	dinguvo	'capulanas'
193	dikiti	'cadeiras'
194	din'guva	'trovoadas'
195	dinondo	'estrelas'
196	disumana	'semanas'
197	dimo	'borbulhas'
198	diragui	'cores'
199	dimbuti	'cabritos'
200	din'gove	'faces'
201	dijemjema	'mosquitos'
202	dimula	'narizes'
203	dikanua	'bocas'
204	dinanyusi	'abelhas'
205	dinungu	'umbigos'

206	dinduva	'flores'
207	diguidyo	'rins'
208	dinundu	'matos'
209	dinbogua	'carilis
210	dinyama	'carnes'
211	dindala	'fomes'
212	dinamenbe	'moscas'
213	dinyota	'sedes'
214	dingalava	'barcos'
215	dinguluve	'porcos'
216	dinyoca	'cobras'
217	din'guku	'galinhas'
218	din'gavanga	'cães'
219	dinembo	'elefantes'
210	din'gombe	'bois'

Classe 11

211	lundomó	'lábio'
212	lulime	'lingua'
213	lukombe	'unha'
214	lungadu	'pé'
215	lugueni	'cabaça'
216	lunde	'rio'
217	lukuni	'lenha'
218	lupapa	'asa'

219	lupembe	'chifre'
220	lusidja	'raíz'
221	luide	'porta'
222	luímo	'canção'
223	lungau	'armadilha'
Classe 10		
224	dindomo	'lábios'
225	dilimi	'linguas'
226	dikombe	'unhas'
227	dingadu	'pés'
228	digueni	'cabaças'
229	diunde	'rios'
230	din'guni	'lenhas'
231	dimapa	'asas'
232	dimembe	'chifres'
233	didja	'raízes'
234	dinguide	'portas'
235	dimó	'canções'
236	dingau	'armadilhas'
Classe 12		
237	kapula	'faquinha'
238	kadjembe	'enxadinha'
239	kapanga	'cataninha'
240	kagueni	'cabaçinha'

241	kapinde	'arcozinho'
242	kashinde	'lenha pequena acesa'
243	kashupa	'garafinha'
244	kandona	'argolazita que se coloca nos lábios'
245	kashelo	'peneirinha'
246	kamwana	'criancinha'
Classe 13		
247	tupula	'faquinhas'
248	tudjebe	'enxadinhas'
249	tupanga	'cataninhas'
250	tugueni	'cabacinhas'
251	tupinde	'arcozinhos'
252	tushinde	'lenhas pequenas acesas'
253	tushupa	'garafinha'
254	tundona	'argolazitas que se coloca nos lábios'
255	tushelo	'peneirinhas'
256	tumwana	'criancinhas'
Classe 14		
257	utungu	'bochecha'
258	ugwimbo	'cabelo'
259	uimi	'gengiva'
260	ukoti	'pescoço'
261	utumbu	'intestino'

262	upanga	'catana'
253	undi	'águia'
254	ushi	'favos'
255	udagua	'maldade'
256	ushungu	'crueldade'
257	ulende	'gergelim'
Classe 6		
258	matumbu	'bochechas'
259	magwimbu	'cabelos'
260	makoti	'pescoços'
261	matumbu	'intestinos'
262	mapanga	'catanas'
Classe 2		
263	vaundi	'águias'
Classe 15		
264	kutaleka	'cozinhar'
265	kulya	'comer'
266	kukumbila	'beber'
267	kumila	'engolir'
268	kutangola	'falar'
269	kweka	'rir'
270	kwiga	'ouvir'
271	kupumula	'respirar'
272	kulila	'chorar'

273	kulala	'dormir'
274	kutukuta	'correr'
275	kunama	'viver'
276	kupikita	'brincar'
277	kutema	'quebrar'
278	kumupa	'dar'
279	kulima	'cultivar'
280	kupanda	'semear'
281	kupona	'curar'
282	kulomba	'casar'
Classe 16		
283	pa shiten'gu	'sobre o banco'
284	pa mweda	'em Mueda'
285	pa lyala	'na machamba'
286	pa in'gande	'em casa'
287	pa mocimboa	'em mocimboa'
288	pa lishinga	'na montanha'
289	pa bali	'na praia'
Classe 17		
290	ku mweda	'para/ à Mueda'
291	ku kaja	'para casa'
292	ku lyala	'para a machamba'
293	ku madjuka	'para as lojas'
294	ku mocimboa	'para Mocimboa'

295	ku lishinga	'para montanha'
296	ku bali	'para praia'
Classe 18		
297	mu meedi	'dentro da/na água'
298	mu ing'gande	'dentro de casa'
299	mu Mueda	'dentro de Mueda'
300	mu lyala	'dentro da/na machamba'
301	mu madjuka	'dentro das/nas lojas'